

ENTRE AS LACUNAS DO PASSADO E DO FUTURO: EM BUSCA DA RECONCILIAÇÃO

ANDERSON SILVA RODRIGUES¹

JOSÉ JOÃO NEVES BARBOSA VICENTE²

Resumo: O presente artigo tem por objetivo discutir as noções de história e pensamento a partir da obra *Entre o passado e o futuro* de Arendt e apontar uma possível solução sobre a problemática que perpassa o nosso século: o fenômeno do inesperado e a intromissão da violência na esfera pública.

Palavras chave: História; Política; Pensamento; Reconciliação.

Between the gaps of past and future: in search of reconciliation

Abstract: This article aims to discuss the notions of history and thought from the book "Between Past and Future" Arendt and point out a possible solution to the problems that permeates our century: the phenomenon and the unexpected intrusion of violence inside the public sphere.

Keywords: History; Politics; Thought; Reconciliation.

¹ Graduando em Filosofia pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). E-mail: asr_455@hotmail.com

² Graduado e Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás (UFG), Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e professor de Filosofia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). E-mail: josebvicente@bol.com.br

Arendt trata de denunciar o corte entre o passado e o futuro realizado pela modernidade iniciada, sobretudo, por Hegel e Marx que, por anseio a práxis e a ação política perderam a crença e a fé na tradição antiga que via na razão a luz que deve guiar a humanidade em sua trajetória. Para Arendt, ambos os autores deram o passo inicial que, em certa medida, acabou levando os teóricos procedentes a avançarem pelo mesmo caminho, numa grande insistência a dar pernas à filosofia, num esforço por tirá-la do âmbito das ideias e colocá-la a disposição da política.

Porém, ao deixarem de lado valores e conceitos que sempre moveram a humanidade, sem perceber, acabaram deixando escapar aquilo que Arendt chama de fenômeno do "inesperado", o que resultou na perda do poder público e na intromissão da violência nos negócios humanos. Tais fatos se deram por conta da perda dos ideais das revoluções, por não transmitirem a memória das gerações vindouras e pela falta de competência da tradição moderna por não possuir categorias e noções necessárias que pudessem guiar o homem, o que acarretou em crise que se perpassa até os dias atuais. Assim, através da interpretação da parábola de Kafka, que trata dos processos internos do pensamento, a autora reconcilia tempo-pensamento, pondo a filosofia em terra firme, a disposição da realidade temporal.

Ao analisar os eventos que ocorreram na modernidade e contemporaneidade, sobretudo os elementos que constituíram o fenômeno do totalitarismo, como aparecem em sua obra *Origens do totalitarismo* (1989), Arendt percebera que essas ocorrências não tiveram precedentes na história, sendo fatos que fugiram da sua normalidade e, que, a modernidade, ao invés de proporcionar categorias necessárias que pudessem guiar o homem em sua ação, acabara ocultando a luz da tradição, fazendo com que se perdesse o rumo do futuro, tornando-o incerto rachando a lacuna entre o passado e o futuro.

No prefácio do seu livro *Entre o passado e o futuro* (1972), Arendt explica que, por conta da onda de revoluções que ocorreram entre o final do período moderno e a necessidade de mecanismos de atuação política, os teóricos fizeram um corte com o pensamento clássico metafísico a fim de proporem noções e categorias que pudessem guiar o homem neste engajamento prático, desviando do foco filosófico a ideia de razão enquanto necessidade e guia da humanidade, para suplantá-la pela ideia de História, indicada como o novo guia prático, como pensava Hegel, ou a luta de classes, que propunha o fim da

história, que encaminharia para o fim do Estado e conseqüentemente alcançaria a tal sonhada liberdade, como pensara Marx.

Esse novo debate trazia consigo a noção de práxis, tirando a filosofia do inalcançável âmbito das ideias para colocá-la em terra, surgindo assim, a corrente materialista. Aí o homem deixara de ser concebido como naturalmente racional para se tornar meio, o mecanismo que faz movimentar a História; para ser mais preciso, Hegel falara que a compreensão, o pensamento sobre a própria História é o que reinventa o homem no mundo. De acordo com Arendt (1972, p.45), Marx não inverteu tanto assim a dialética hegeliana, como pensam muitos, mas apenas mudou a ordem dos seus conceitos “entre pensamento e ação, contemplação e trabalho, e Filosofia e Política”. Com Marx, a História deixou de ser uma compreensão do passado para ser uma projeção do futuro. Ou seja, ela passou a ser concebida como a ferramenta que guia o homem em sua ação política, onde tem por fim a realização de si mesmo, coincidindo com o fim do Estado e em última instância a abolição do trabalho, tornando-o livre para o ócio, para a atividade filosófica. Nessa medida, Marx tirara de campo a razão para conceber o homem como animal *laborans*, substituindo a clássica sentença aristotélica do homem enquanto animal do *logos*, um ser que se realiza pela política. No entanto, o utopismo exagerado de Marx acabara transcendendo o seu sistema, e, enquanto a Hegel, esquecera, sobretudo, de tratar das contingências que emergem no desenrolar da História.

Ao perder a crença e fé na razão que sempre fora defendidas pela tradição, esses filósofos deram o passo inicial que, em certa medida, acabou levando os teóricos procedentes a prosseguirem pelo mesmo caminho, como o caso de Kierkegaard que salienta a condição sofredora do homem, descaracterizando-o enquanto ser racional, e Nietzsche, que martela a razão e traz a tona a sua concepção de vontade de poder. Depois desses, as demais correntes perderam de vez o freio, e a ação perante o presente passou a se tornar o foco central da reflexão filosófica, o que acarretou no ocultar dos acontecimentos e fenômenos futuros.

A tradição já não era capaz de propor categorias necessárias que pudessem lidar, entender e evitar aquilo que no entender de Arendt, tratava-se do fenômeno do inesperado, ou seja: da tomada da violência para dentro da esfera política, o que acabou ocasionando nos regimes totalitários do século XX que, seguido pela ciência e pelo desenvolvimento das técnicas e dos aparatos de guerra, se tornara um episódio novo na história da humanidade, o que levou a autora a refletir sobre a compreensão de História e a lacuna entre o passado e o futuro. Portanto, a tradição tinha esfacelado e esquecido da memória os valores

que sempre guiaram e nortearam a humanidade e, assim, ao tentar dar pernas à filosofia, acabaram esquecendo aquilo que estava evidente em seu tempo, o fenômeno da violência, deixando escapar a contingência do por vir, o inesperado.

Ainda em seu prefácio, Arendt (1972) irá nos mostrar na “história das revoluções - do verão de 1776, na Filadélfia, e do verão de 1789, em Paris, ao outono de 1956 em Budapeste -, que decifram politicamente a estória mais recôndita da idade moderna”, a luta de homens que se viram obrigados a lutarem perante as condições políticas insatisfatórias de seu tempo, despertando-se e marchando rumo ao alcance daquilo que Kant (2005, p.63) chamará de saída do estado de “menoridade”. Porém, alcançada a vitória nas revoluções, o que possibilitou a tomada do poder público, os atores da luta e conseqüentemente também as gerações futuras não foram capazes de assegurar e perpetuar o poder conquistado. O tesouro das rebeliões, um estado livre e público não foi dado continuidade, deixando-se diluir pela falta de vigor. “Assim” diz Arendt (1972, p.31), “ é que os primeiros a fracassarem no recordar como era o tesouro foram precisamente aqueles que o haviam possuído e o acharam tão estranho que nem sequer souberam como nomeá-lo”.

A memória dos ideais da revolução fora esquecida e não transmitida as gerações póstumas, o que acarretou na perda do poder, passada novamente para as mãos do governo, fato que se perpetua até os dias atuais. Contudo, antes de tudo isso acontecer, um grupo seleto de artistas tiveram a capacidade de enxergar o que estava a ocorrer, como explicitará Arendt, citando um aforismo do poeta francês René Char que afirmara: “Nossa herança nos foi deixada sem nenhum testamento” (ARENDR, 1972, p. 28). O caráter da máxima do poeta revela a falta de capacidade do povo da sua época em administrar a esfera pública, da incapacidade de lidar com o poder. Desta forma, vale ressaltar que a noção de memória dentro do pensamento da filósofa é de suma valia, pois como fora mostrado acima, sem o ato de lembrar a importância da luta, deixando esvair-se os ideais e deixando-os cair no puro esquecimento e não perpassando para as gerações futuras, para que estas possam dar continuidade a ação política, a tendência de fato é perder aquilo que se conquistou com muito esforço, e aí, o esquecimento das massas se torna o maior inimigo.

A perda da tradição clássica, a falta de categorias para lidar com a tomada do poder, bem como o esquecimento dos ideais, foram os ocasionadores da crise na modernidade. Tal problemática se tornou uma bolha que fora inflamando e acabou explodindo na contemporaneidade, resultando

no inesperado, sobretudo no fenômeno do totalitarismo, uma das maiores catástrofes que a humanidade já presenciou.

Os gregos livres, os chamados cidadãos, se voltavam para o ofício do exercer a política, que era realizada na polis: “[...] conduziam seus negócios por intermédio do discurso, através da persuasão (*péithein*), e não por meio de violência e através de coerção muda” (ARENDDT, 1972, p. 50), como se constata na modernidade e, sobretudo nos dias atuais. Ademais, a confiança na razão era o norte que os guiava e dava sentido à vida, porém, toda essa noção foi negada pela tradição que os sucederam, e assim, a mesma fora desvalorizada, negada todo o seu brilho e valor que tivera outrora. Do mesmo modo, a república romana ainda em seus primórdios também fora modelo de política, sabendo dividir a esfera pública do privado, onde um conselho composto por senadores, que detinham a tarefa de representar o povo, ficava a cargo da ação política, movida, sobretudo, pelo debate e discussão, assim como os gregos livres da polis. Além do esquecimento da noção de política e ação, outras noções gregas como o conceito de autoridade e liberdade, por exemplo, se perdera ou fora transformada pela modernidade.

Deste modo, a partir de uma parábola de Franz Kafka, que permitirá revelar aquilo que está oculto entre o passado e o futuro, numa acepção sobre os processos internos da mente que resultará na compreensão e noção de tempo-pensamento, Arendt irá descortinar a reconciliação entre o passado e o futuro, que se faz pela luz do pensamento e se constitui dentro da realidade temporal, o que permite assegurar ao homem categorias necessárias e meios capazes de lidar com os acontecimentos que se desenrolam³.

Kafka, o autor que considerava o pensar a tarefa mais vigorosa do homem, fora um dos grandes teóricos a tentar desenterrar o interior do pensamento. Através da sua parábola ele investigou os processos internos que ocorrem sobre o homem quando se posta a sua tarefa de maior vigor. Assim sendo, na interpretação de Arendt sobre a parábola, a cena sugere um campo de batalha onde pode ser notado duas ou três lutas simultâneas. A primeira força caracterizada pelo passado, empurra “Ele” para diante, e a segunda,

³ “A parábola é a seguinte: Ele tem dois adversários: o primeiro acossa-o por trás, da origem. O segundo bloqueia-lhe o caminho à frente. Ele luta com ambos. Na verdade, o primeiro ajuda-o na luta contra o segundo, pois quer empurrá-lo para frente, e, do mesmo modo, o segundo o auxilia na luta contra o primeiro, uma vez que o empurra para trás. Mas isso é assim apenas teoricamente. Pois não há ali apenas os dois adversários, mas também ele mesmo, e quem sabe realmente de suas intenções? Seu sonho, porém, é em alguma ocasião, num momento imprevisto – e isso exigiria uma noite mais escura do que jamais o foi nenhuma noite –, saltar fora da linha de combate e ser alçado, por conta de sua experiência de luta, à posição de juiz sobre os adversários que lutam entre si” (ARENDDT, 1972, p.33).

representada pelo futuro, bloqueia a sua frente, empurrando-o de volta para trás. Desta forma, “Ele” está entre as duas ondas, que se insere no meio de ambas, recebendo o choque do embate da batalha realizada pelas forças antagônicas do passado e do futuro, e, que, para permanecer em seu território, deve combatê-las.

Assim, por mais que estejam se gladeando continuamente, esses dois domínios acabam se tornando aliados dele na medida em que se confrontam, isso, porque, enquanto a primeira o impele para frente, ao mesmo tempo está tentando fazer com que “Ele” ultrapasse a barreira posta pelo futuro, e, enquanto a segunda, ao apará-lo após ser arremessado pelas forças do passado, o segura e o arremessa de volta. Ademais, o que se vê no interno dessas ocorrências, prossegue a autora em sua análise, é que a luta se faz em direção e em torno do personagem central, denominado por Kafka, de “Ele”. Este, segundo Arendt, identifica-se com o homem mesmo; no entanto, isto não consiste em seu sentido concreto, mas, antes, naquilo que o caracteriza, seu vigor, ou seja, o seu próprio ser. E ambas as potências do passado e do futuro se emergem na direção “Dele”, já que este se encontra no meio do embate, e, sem ele, elas não poderiam amortecer o seu choque provocado pelo encontro, e assim, cindiriam ao colidirem entre si.

Prosseguindo sobre o raciocínio da pensadora, o que também se constata no interno da parábola é que o passado caracteriza-se como uma força, e é esta tal força que faz mover o homem, ela é o motor engrenador que o conduz. Esta constatação é de suma importância, já que coloca em cheque a opinião tradicional de que o futuro é o gás que move o homem na história, rebaixando o passado a uma espécie de fardo que deve ser superado, como algo sem valia para o rumo da história da humanidade.

Ainda recorrendo da interpretação da filósofa sobre a metáfora de Kafka, o “Ele”, através do sonho, aqui entendido pela própria concepção de pensamento, escapa para fora da linha do combate temporal, pois, por tanto sofrer pelo choque, adquirira experiência de combate necessária capaz de fazê-lo refletir. Portanto, o ato do pensar seria o meio que o desligaria do contínuo confronto que se realiza perpetuamente no tempo e o encaminharia, o libertaria para o atemporal, o metafísico, o suprasensível concebido pela filosofia de Parmênides a Hegel, que se dá pelo ato da reflexão. Desta forma, do ponto de vista do homem que consegue se livrar do embate promovido entre as respectivas potências antagônicas e transporta-se, em um ato de fuga, para outra região, o tempo deixa de ser uma cadeia sucessiva e ininterrupta, que se desenvolve num fluxo contínuo dos acontecimentos. Porém, como dirá Arendt

(1972, p.37-38), naturalmente, “o que falta à descrição kafkiana de um evento-pensamento é uma dimensão espacial em que o pensar se possa exercer sem que seja forçado a saltar completamente para fora do tempo humano”. Ou seja, faltou ao literato definir a região em que ocorre o sonho, o ato do pensamento, pois se ele trata de uma fuga do ser para fora do tempo, longe das forças do passado e do futuro, que se daria através do ato de pensar, entende-se que Ele prosseguiria para uma esfera atemporal, onde o homem estaria livre das infinitas forças temporais.

Também, a autora crítica Kafka pelo fato de que a liberdade proporcionada pelo pensamento seja limitada. A fuga para fora da linha do confronto, para fora do tempo não seria para sempre, uma evasão definitiva, se não passageira, já que está fora do alcance humano permanecer pra sempre mergulhado na esfera do pensamento, logo, tal liberdade é temporária, e em certa medida, ilusória, pois o desvia da realidade, a qual deveria se dedicar e permanecer, defendendo seu território contra as forças do passado e do futuro. Portanto, Arendt, acrescentando a parábola de Kafka, dirá que a fuga do ser se dá no próprio pensamento, pois, refletir é acordar, é estar vivo, pensar é “reconciliar-se com mundo”, pois, uma vez que o próprio homem se encontra no centro da batalha, ele se torna capaz de tomar parte desta luta, tornando-se o juiz do combate.

Assim, adicionando a metáfora e refletindo no ponto onde faltou ao literato, Arendt coloca o homem dentro do tempo, que, por meio do seu vigor, ele seria o produto do passado e do futuro, mas na medida em que é senhor, imperando sobre estas forças, elucidando e coletando elementos que compõem o passado e os trazendo para o seu tempo presente, numa manobra de ida e volta, sabendo recuar quando necessário, para poder prosseguir com cautela e previsibilidade, pondo-se a caminho da história e do futuro, conduzindo a si mesmo para que não venha deixar acarretar possíveis crises advinda da falta de memória, da carência de noções e categorias que possam guiar o homem no seu caminhar, como ocorrera no caso da perda do tesouro conquistado pelas revoluções, que fora deixado escapar pelas mãos. Portanto, para se guiar no rumo da história é preciso saber-se conduzir pela luz advinda do pensamento, utilizando-o como ferramenta para voltar e revirar o passado para assim alcançar um futuro mais aceso, onde a humanidade se ergueria novamente, num possível levante vindo a sair da crise que lhe cerca. Esta manobra tende a reerguer a humanidade, vindo a florescê-la, tornando a vida mais digna e a enchendo de sentido.

O que Arendt pretendeu de fato ao interpretar a parábola de Kafka, foi retirar a razão do âmbito suprassensível para torná-la temporal, reconciliando filosofia e realidade, como pretendia Marx e a tradição póstuma. O pensamento, segundo a autora, está entre a lacuna do passado e do futuro, naquilo que costumam chamar de presente. O pensar se encontra no meio do tempo e não fora dele, e tanto o passado quanto o futuro se atualizam neste meio, determinando o rumo e os acontecimentos da história, e para evitar possíveis consequências que costumam surgir desta luta contínua, basta ao homem tomar a posição de juiz e cessar este fluxo, defendendo seu território. Isto se faz dominando as duas potências e usando-as ao seu favor. E para a conquista de ambas, como fora dito antes, é necessário a utilização do pensar, que desta forma estaria a cargo da realidade, da história. Assim, o homem se tornaria o guia de si mesmo, saberia prosseguir com maior clareza, minimizando ou evitando as trevas advindas da ignorância, que resultam no fenômeno do inesperado. Deste modo, a razão reencontra o seu status de luz, como concebiam os gregos, a filósofa coloca-a a cargo da realidade, todo seu esforço seria para esclarecer e mostrar o caminho mais adequado a prosseguirmos na história, vasculhando e filtrando o que fora deixado para trás, para assim encontrarmos a lupa que nos facilitará a observar o futuro incerto.

É pela exigência em garantir a paz, a dignidade, a segurança e a preservação do próprio homem que nos reconciliamos com o mundo. Se soubéssemos utilizar o pensamento para lidar com todas estas questões cessaríamos a vontade de dominação, a ignorância extrema e a banalização da violência, elemento característico do nosso século. Sobre isto, em *Entre o passado e o futuro*, Arendt tem exatamente o intuito de nos fornecer experiências que nos servem de lição para que possamos começar a pensar em como reconciliarmos, mas não se trata de deduções lógicas do pensamento, pelo contrário, trata-se, em suma, de experiências históricas, concretas e reais. Pensar sobre fatos e fenômenos correntes. E para finalizar essa reflexão, utilizo de uma frase da própria Arendt (1972, p.40), que nos revela a crise que está por de trás do nosso século: “o problema, contudo, é que, ao que parece, não parecemos estar nem equipados nem preparados para esta atividade de pensar, de instalar-se na lacuna entre o passado e o futuro”.

Referencias bibliográficas:

ARENDT, H. *Origens do totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. *Entre o passado e o futuro*. Trad. Mauro W. Barbosa de Almeida. São Paulo: Perspectiva, 1972.

KANT, I. *Textos seletos*. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: Vozes, 2005